



# O CORPO ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA: INTERSECÇÕES ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE

## THE BODY AS A PLACE OF MEMORY: INTERSECTIONS BETWEEN DISCOURSE ANALYSIS AND PSYCHOANALYSIS

Elaine Pereira DARÓZ<sup>1</sup>

Nadia Pereira Gonçalves de AZEVEDO<sup>2</sup>

### RESUMO

Historicamente os dizeres sobre a mulher nos remetem a uma idealização, intrinsecamente ligada ao seu corpo e modo de ser. Neste artigo, visamos compreender as redes de memória sobre a mulher e o seu corpo na atualidade, promovendo um deslocamento da noção de corpo-objeto para a noção de corpo como lugar de memória. Neste gesto, a Análise do discurso de linha Pecheutiana constituirá o nosso aporte teórico-analítico, na compreensão das redes de discursividades que se entrecruzam e regularizam determinados sentidos sobre ser mulher. Para tanto, promovemos um diálogo com a Psicanálise, em especial às questões sobre o corpo e seus sintomas a partir dos estudos de Freud e Lacan. Enfim, apresentamos um entrelaçamento entre as noções de corpo nas abordagens psicanalítica e discursiva, a fim de melhor compreendermos os efeitos de sentidos que recaem sobre os sujeitos contemporâneos, considerando os sintomas que se apresentam na atualidade.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. *E-mail*: elaine.daroz@unicap.br.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. *E-mail*: nadia.azevedo@unicap.br.



## PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Análise do discurso. Psicanálise. Redes de memória.

## ABSTRACT

Historically, we have been told that women are idealized, intrinsically linked to their bodies and their way of being. In this article, we intend to understand the networks of memory about women and their bodies today, shifting from the notion of the body as an object to the notion of the body as a place of memory. In this gesture, Pecheutian discourse analysis will be our theoretical-analytical contribution to understanding the discursive networks that intersect and regulate certain meanings about being a woman. To this end, we promote a dialog with Psychoanalysis, especially with questions about the body and its symptoms based on the studies of Freud and Lacan. Finally, we present an interweaving between the notions of the body in psychoanalytic and discursive approaches, in order to better understand the effects of meanings that fall on contemporary subjects, considering the symptoms that present themselves today.

## KEYWORDS

Body. Discourse Analysis. Psychoanalysis. Memory networks.

## PALAVRAS INICIAIS

*Tenho um corpo e tudo o que eu fizer  
é continuação do meu começo.  
Perto do Coração Selvagem  
Clarice Lispector*

Na cultura ocidental, historicamente, os dizeres sobre a mulher perpassam uma série de formulações sobre o seu corpo, direcionando não somente os sentidos do feminino como também da posição que a mulher deve ocupar na esfera social. Como exemplo, a ideia de proporção para a noção de Belo, na Grécia Antiguidade, passa a relacionar-se com a idealização



de mulher a partir de determinados padrões como requisitos ao seu lugar, considerado primordial social: objeto de desejo do homem e, por conseguinte, progenitora (Daróz, 2020).

Este estudo tem por objetivo compreender as redes de memória sobre a mulher e o seu corpo na atualidade. Especificamente, pretendemos propor o deslocamento do corpo-objeto para corpo como lugar de memória, além de evidenciar práticas mais justas e que vislumbrem os diferentes modos de ser mulher na contemporaneidade.

Para tal, convocamos Freud e Lacan, em seus estudos sobre o corpo, bem como Pêcheux, fundador da Análise do Discurso de linha francesa (AD), teoria e dispositivo analítico desse trabalho.

## **ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA: AS DOBRAS-DURAS DO DIZER SOBRE A MULHER**

Como vimos discutindo, a arte clássica materializou, ao longo dos tempos, dizeres a partir de uma representação de mulher que atendesse a esses padrões. Afrodite, a primeira mulher a ser representada nua à época e esculpida por Cnido no século IV d.C. (Salomon, 2005), tornou-se uma referencial de atributos às mulheres. Nudez que trazia no seu âmago sentidos sobre o ideal de beleza e feminilidade à mulher como padrões de um corpo que é inscrito pela cultura e nela se inscreve, porque é histórico.

Em *O mal-estar na cultura*, Freud (2010 [1930], p. 23) afirma que

Como se sabe, a cultura humana [...] mostra dois lados ao observador. Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para a satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si e, em especial, a divisão dos bens acessíveis.



Podemos observar, então, uma relação intrínseca entre cultura e ideologia, na medida em que é na tessitura do discurso que a ideologia tece – sob a forma de dizeres, valores, ética e costumes – os sentidos e práticas que devem ser regularizadas no corpo social. Pensados discursivamente, esses dizeres naturalizados reproduziam, e ainda reproduzem em larga medida, uma sobredeterminação ideológica que tem como um de suas funções naturalizar os dizeres, e sentidos, a fim de colocar os sujeitos a responder às demandas da ordem vigente (Althusser, 1967). Para isso, segundo Althusser (1970), os Aparelhos do Estado – Escola, Mídia, Igreja, Família – são responsáveis por reproduzir os dizeres e sentidos que vão ao encontro da ideologia dominante, ao passo em que sentidos outros são silenciados.

Ao longo dos tempos, os discursos sobre a mulher se pautavam frequentemente na biologização do corpo que pré-determinava uma suposta debilidade feminina (Darwin, 1871). As práticas sociais, portanto, iam (e em certa medida ainda vão) ao encontro dessa representação de mulher naturalizada por meio desses discursos, que direcionam para um imaginário do corpo feminino como um bem público a ser consumido.

De acordo com o dicionário *on-line* “Priberam da Língua Portuguesa”<sup>3</sup>, o verbo consumir, em sua forma transitiva, é significado a partir de determinadas ações, como: Fazer desaparecer pelo uso ou gasto; Gastar; devorar; destruir; comer; Fazer desaparecer da memória; apagar; corroer; dissipar.

---

<sup>3</sup> “consumir”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/consumir>. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/consumir> > Acesso em 07 mai. 2023.



Ainda na atualidade, não raramente observamos discursos sobre o corpo feminino a se comer, geralmente em falas masculinas/machistas em relação ao sexo. Sob esse aspecto, o corpo feminino além de fonte de prazer é também objeto de uso, a ser gasto ao limite, ou até mesmo extrapolando as margens do que suporta um corpo como em casos que vão desde a violência física e psíquica contra a mulher quanto ao feminicídio que cresce vertiginosamente em nosso país.

Ainda segundo Freud (2010 [1930], p. 27), “[...] na vida psíquica, nada do que uma vez se formou pode perecer”. Nesses termos, as aparentes verdades ideologicamente naturalizadas sobre a mulher, que muitas vezes culminam em sua objetificação e produzem registros de violência (com cicatrizes no corpo ou não), deixam marcas indelévels no seu psiquismo, implicando na imagem que a mulher possui de si.

Para Schilder (1977, p. 15),

O esquema corporal é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos, e podemos também chamá-lo de imagem corporal. Este termo indica que não estamos tratando de uma mera sensação ou imaginação. Existe uma apercepção do corpo. Indica também que, embora nos tenha chegado através dos sentidos dos sentidos, não se trata de uma mera percepção. Existem figurações e representações mentais envolvidas, mas não é uma mera representação.

Extrapolamos, assim, a compreensão do corpo na sua estrutura físico-fisiológica pensado na sua composição multicelular, muscular e intercorporal para pensá-lo a partir de uma estruturalização desse corpo (Schindler, 1977). Nesse deslocamento da estrutura para a estruturalização, o corpo passa a ser compreendido numa perspectiva tridimensional, e concebido como um espaço aberto para uma reestruturação resultante



de um movimento contínuo por que passam os sujeitos, tendo em vista os aspectos emocionais e sociais que também compõem esse corpo do sujeito que se inscreve num corpo social. Sob esse aspecto, a cultura tem papel preponderante.

A respeito da regulamentação das relações dos homens entre si, segundo Freud, precisamos compreender os traços da cultura tal como se mostram nas comunidades humanas. Para isso, ainda segundo o autor, é preciso deixar-nos “[...] conduzir pelo linguístico, ou, como se diz, pela sensibilidade da linguagem” (Freud, 2010 [1930], p. 87). O corpo do sujeito que, sendo matéria, passa também pelo corpo da linguagem para significar no social. Implicado nessa relação intrínseca entre sujeito, linguagem e cultura está uma necessidade de inserir-se em um grupo social, uma comunidade, movida por um “[...] sentimento indissolúvel de pertencimento ao todo do mundo exterior” que conduz o sujeito a um ideal de felicidade (Freud, 2010 [1930], p. 43).

Podemos observar a relação íntima entre Análise do discurso e Psicanálise, desde a gênese da disciplina da AD, em especial no que concerne à presença do interdiscurso na sua segunda fase, quando da construção do *corpus* discursivo. Em desenvolvimento da teoria, Pêcheux toma as contribuições da Psicanálise para pensar o processo pelo qual o indivíduo se torna sujeito em uma determinada sociedade.

Na revisão da teoria, em seu artigo *A Propósito da Análise automática do discurso: atualizações e perspectivas*, Pêcheux explicita a relação constitutiva entre ideologia e inconsciente, trazendo a questão do esquecimento (1 e 2) como constitutivo dessa relação em que, “numa situação empírica concreta na qual se encontra o sujeito, marcada pelo caráter da



identificação imaginária [...] e o processo interpelação-assujeitamento” (Pêcheux; Fuchs, 1997 [1975], p. 177). Nesse processo, Pêcheux afirma que “uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo por aquilo que é estritamente não formulável, já que a determina” (Pêcheux; Fuchs, 1997 [1975] p. 177).

Isso ocorre porque, no jogo discurso, as posições que ocupamos no discurso não expressam as reais condições de existência, mas nelas estão intrínsecas as regras de projeções imaginárias e mecanismos de antecipação constitutivos de todo sujeito. A interpelação ideológica, assim, é a responsável por conduzir o sujeito, “sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo a sua livre vontade, a ocupar o seu lugar” na formação social (Pêcheux; Fuchs, 1997 [1975], p. 166).

A cultura tem um importante papel no direcionamento dos sujeitos na sociedade, funcionando como operadora, via naturalização dos sentidos, da ideologia. Sob esse viés, sentir-se pertencente a um grupo seria, então, estar em consonância com o seu tempo. No entanto, é pelo movimento de estruturação-desestruturação que os sentidos são atualizados.

No século XX, as lutas feministas possibilitaram uma desestruturação desses dizeres aparentemente evidentes sobre o feminino, fomentando debates e disputas em prol da visibilidade e dos direitos da mulher no seio social. Os movimentos de resistência feminina à ordem vigente ganham contornos em diferentes aspectos da sociedade e se materializa nas artes.

Dentre outros artistas, o pintor vanguardista Pablo Picasso (1936) exacerbava a representação de mulher afrodítiana e traz à luz as multiformas que compõem o corpo feminino então materializado em padrões considerados não convencionais.



**Fotografia 1 -**  
Afrodite (Século IV d.C)  
Disponível em: <http://greciantiga.org/img.asp?num=0456b>  
Acesso 06 maio. 2023



**Fotografia 2 - Mulher**  
nua deitada (1936)  
Disponível em:  
Musée Pompidou – Paris –  
photograph of the author's  
personal file Daróz, E. (2019)



É pelo jogo imaginário constitutivo da relação intrínseca entre língua, sujeito e sociedade que o sujeito se diz de si a partir de Outro no/do discurso a partir de sua identificação (ou não) aos sentidos hegemônicos que se regularizam no seio social ao longo dos tempos.

Historicamente, o corpo é objeto de estudos de diferentes áreas do conhecimento dada a sua complexidade. Isso porque o corpo traz marcas indeléveis não apenas na sua constituição fisiológica – seus sistemas e funcionamento – e/ou física – em suas nuances, formas e estilos aparentes – mas também no seu funcionamento psíquico. Sob esse aspecto, Schindler





(1977) promove um deslocamento da noção de estrutura corporal para uma estruturalização do corpo como um movimento contínuo e ininterrupto do sujeito em constituição, que ocorre numa perspectiva tridimensional, ou seja, como resultante das estruturas fisiológicas, sociológicas sem desconsiderar o seu caráter libidinal.

Um corpo que comporta um real, visto que não está dissociado do real do sujeito que nele se constitui e por ele é convocado a simbolizar. Sob esse aspecto, o olhar psicanalítico nos possibilita extrapolar os dizeres, e sentidos, naturalizados no corpo da língua(gem), abrindo-nos novas possibilidades de pensar (e ser) corpo na contemporaneidade.

## **DO CORPO DA LINGUAGEM AO CORPO DO SUJEITO: UM OLHAR PSICANALÍTICO**

Escrever sobre o corpo na psicanálise é pensar além de uma estrutura fisiológica, uma vez que essa estrutura é atravessada por dimensões internas e externas, recebe e doa, e deixa-se atravessar pelo que vem do outro, assim o corpo se constrói, se desconstrói e se destrói. Considerar o corpo apenas como uma estrutura óssea coberto por músculos, nervos e pele seria um equívoco.

Tem-se visto o surgimento de diversas patologias consideradas modernas, tais como as somatizantes, casos-limite ou personalidades aditivas, enfim todas elas apontando para um ponto em comum que é a dificuldade em relação à representação psíquica. O ego corporal, denominado dessa forma por Freud (1976), nos conduz ao ego psíquico que nos faz refletir sobre a importância do corpo na constituição do psiquismo.

A psicanálise é uma teoria complexa que busca compreender o ser humano em sua totalidade, levando-se em consideração aspectos conscientes



e inconscientes. Assim, o corpo assume um papel fundamental na teoria psicanalítica, idealizado como um importante mediador entre a mente e o mundo externo.

Desde as suas primeiras elaborações, Freud percebeu que o inconsciente fala através do corpo, esse foi seu objeto de estudo e observação. Movimento determinante, uma vez que abriu novas indagações sobre as somatizações, e o fez considerar a imagem do corpo na formação do sujeito.

Em seu livro *História do Corpo*, Jean-Jacques Courtine (2011), nos leva a pensar sobre os progressos tecnológicos da medicina e de como tais mudanças aceleradas afetam a forma com que cada indivíduo se relaciona com o próprio corpo, seja no que tange ao adoecimento ou ao envelhecer.

Essas novas relações trazidas por tais avanços estão, hoje, presentes na escuta clínica psicanalítica da atualidade. A busca incessante de um corpo ideal perfeito faz com ele seja excessivamente investido, mas frequentemente sendo fonte de frustração e sofrimento, estabelecendo-se como meio do mal-estar na pós-modernidade.

O oposto de um corpo supostamente perfeito, ideal, seria aquilo que foge aos padrões ditos de beleza à contemporaneidade, qual seja: o corpo gordo, magro demais; corpos que estão supostamente “fora do lugar”. Há uma questão social em que um corpo fora de um padrão esteticamente ideal é considerado uma “poluição”, corpos que não se ajustam, que estão “fora do lugar”, desarmonizam o quadro e, de certa forma, agridem o senso esteticamente agradável. Enfim, não são características intrínsecas dos corpos que transformam em imperfeitos, mas tão somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na medida em que ele é idealizado pelos que procuram a perfeição.



A partir dessa perspectiva psicanalítica, o corpo é entendido como um objeto complexo e carregado de significados simbólicos, que são construídos a partir de relações sociais e culturais que cada indivíduo estabelece ao longo de sua vida. Nesse sentido, a noção de um corpo perfeito ou imperfeito é construída socialmente e está relacionada às normas e padrões estéticos que são valorizados em determinada cultura ou sociedade.

É importante questionar esses padrões estéticos e valorizar a diversidade de corpos e formas físicas, para que cada indivíduo possa se sentir confortável e valorizado em seu próprio corpo.

## **O CORPO EM FREUD**

Ao longo de suas obras Freud trata a relação entre a mente e corpo. Particularmente acreditava que as emoções e traumas reprimidos no inconsciente se manifestariam no corpo através de sintomas físicos.

Freud e Breuer (1895) em “Estudos sobre a Histeria” detalham casos de pacientes que manifestavam sintomas físicos, dentre eles paralisia ou cegueira, a princípio sem qualquer causa física evidente. A partir dessas evidências, sinalizaram que esses sintomas poderiam ser explicados pela presença de memórias reprimidas no inconsciente.

Em sua obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905) elaborou sua teoria da libido e alegou que a sexualidade humana era uma força motriz poderosa, vigente desde o nascimento e primordial para o desenvolvimento emocional. Ele também criou o conceito de “pulsão de morte”, que descreve a tendência inerente do ser humano em se autodestruir.

Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920) sugere uma revisão do conceito de princípio de prazer, introduzido previamente em sua obra.



Ele depreende que a busca pelo prazer e a evitação da dor não são as únicas forças que motivam o comportamento humano, mas há uma tendência inata para a repetição e o domínio de experiências traumáticas.

Freud (1976) argumenta que o corpo é influenciado tanto pelas pulsões internas quanto pelas experiências externas, e que o desenvolvimento do ego é fundamental para a capacidade de adaptação do indivíduo ao ambiente. Desse modo, Freud propõe uma visão complexa e multifacetada do corpo humano, levando-se em conta tanto os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Destaca a importância da compreensão do funcionamento do corpo para compreensão da mente e do comportamento humano.

Ao longo de sua obra, Freud designa o corpo como sendo ‘palco’ onde se desencadeia um jogo intrincado das relações entre o psíquico e o somático, e o próprio corpo, sendo o intérprete do enredo dessas relações. O corpo é ao mesmo tempo berço da pulsão, mas também o lugar da satisfação pulsional.

A teoria freudiana evidencia que o somático, as funções orgânicas, fazem do corpo um lugar da realização de um desejo inconsciente. O corpo descreve o que mostra. Tudo que aparece nele tem seu início no psíquico. Não sofre apenas do que está doente nele, mas é o lugar de desejo.

## **O CORPO EM LACAN**

Segundo Lacan (1998a), o corpo é um elemento essencial da experiência humana, e a linguagem exerce um papel fundamental na forma como percebemos e relacionamos com ele. É possível ver, ao longo de seus seminários, como ele apresenta uma teoria da linguagem que destaca a natureza simbólica e como ela é capaz de influenciar a maneira como nos relacionamos com

o mundo ao nosso redor. Além disso, a linguagem é o meio pelo qual os indivíduos constroem sua identidade e compreensão de mundo.

Para o autor (Lacan, 1998a), o corpo é principalmente um objeto simbólico que é formado e moldado pela linguagem e pelas relações sociais. O psicanalista francês propõe uma abordagem complexa e interdisciplinar que considera a interação entre o corpo, a linguagem e a cultura na construção da identidade humana.

Dentre os principais pontos da obra de Lacan que apontam o corpo como sendo um objeto atravessado pela linguagem, é possível destacar que em determinado momento ele subverteu o pensamento de Saussure e concluiu que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Lacan (1998b) afirma que o inconsciente é uma estrutura linguística, em que os desejos e as pulsões se manifestam no corpo por meio de significantes, que podem ser palavras ou símbolos que configuram esses conteúdos.

Sendo a relação do sujeito com o corpo mediada pela linguagem, infere-se que o sujeito não tem acesso direto ao corpo, mas somente a uma representação simbólica dele, que é estruturado pela linguagem. Tal relação do sujeito com o corpo, é então, mediada pela linguagem, que produz uma imagem corporal que pode ser mais ou menos distorcida em relação ao corpo real. Segundo Lacan (1982, p. 178), “o real é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”. Isso porque há nele sempre algo que resta, na medida em que é inalcançável ao sujeito, e deixa marcas de sua incompletude, de sua falta.

Esse pensamento pode ser encontrado em vários momentos da obra de Lacan, mas é sobretudo desenvolvido em seus seminários sobre “A relação de objeto” e sobre “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”,

ministrados entre 1956 e 1964. Nesses seminários, Lacan discute a forma como a linguagem medeia a relação do sujeito com o corpo e como essa relação pode ser influenciada pela imagem corporal que é construída por meio da linguagem. Ele também investiga as implicações desse processo para a constituição do sujeito e para a psicanálise.

O corpo é marcado pela linguagem desde o nascimento. O francês alega que o sujeito é marcado pela linguagem no momento que é inscrito na cadeia significante por meio do Nome-do-Pai. Esse momento é fundamental na constituição do sujeito, pois é a partir dele que o sujeito começa a se relacionar com a linguagem e com o mundo simbólico.

O “Nome-do-Pai”, em Lacan (2010), é um conceito que se refere à função simbólica que é exercida pelo pai na estruturação do psiquismo humano. Não é uma referência direta ao pai biológico, mas sim à figura paterna que é simbolizada na cultura e que representa a Lei e a autoridade simbólica. O “Nome-do-Pai” é, portanto, o elemento que introduz o sujeito na ordem simbólica e lhe permite entrar em contato com a linguagem e com o universo simbólico. Essa função simbólica é essencial para a formação do sujeito e para sua inserção na cultura, mas pode também causar conflitos e angústias, como a castração simbólica e a sensação de falta que acompanha a entrada do sujeito na ordem simbólica.

Outro ponto importante que Lacan traz é que a linguagem produz o desejo e a falta. O desejo é produzido pela falta, que é uma consequência da linguagem. O sujeito nunca acessa diretamente ao objeto de seu desejo, mas apenas a uma representação simbólica dele, que é produzida pela linguagem. Assim, o desejo é sempre um desejo de algo que falta, e que só pode ser buscado por meio da linguagem.



Enfim, Lacan afirma que o corpo é marcado pelos significantes que o sujeito recebe ao longo de sua vida. Esses significantes produzem marcas no corpo que podem se manifestar como sintomas ou como formas de gozo. Assim, o corpo é atravessado pela linguagem de forma a produzir efeitos sobre ele.

Segundo o autor (Lacan,1972-1973), o amor está conectado à busca pelo outro por natureza, de forma mais profunda e autêntica. Todavia, o autor também considera que esse ser é algo que escapa, que não se deixa aprisionar plenamente pela linguagem. Associar o corpo à linguagem, entende-se, que o corpo é, então, a materialização do ser, é a expressão física do que somos. Por meio do corpo, demonstramos nossas emoções, sensações e desejos. Na trama do amor, o corpo desempenha um papel importante na expressão do sentimento e na conexão com o outro.

O corpo fala, comunica e revela de forma não verbal aquilo que a linguagem muitas vezes não consegue evidenciar por completo. Lacan menciona que o ser que “ia ser” ou que faz surpresa é o ser que se apresenta para além daquilo que é conhecido ou previsível. O corpo, portanto, pode ser um veículo para essas surpresas, uma vez que evidencia aspectos inesperados e espontâneos do ser amado. A linguagem pode ser, então, insuficiente para absorver todas as nuances do amor e suas surpresas, porém o corpo pode transmitir essas emoções e estados de ser de forma mais direta e autêntica.

Por fim, a passagem acima destaca a complexa relação entre o amor, o ser, a linguagem e o corpo. O amor busca compreender o ser na sua essência, contudo enfrenta os limites da linguagem para declará-lo plenamente. O corpo se apresenta como uma via de expressão mais profunda do amor,



trazendo consigo as surpresas e os traços do ser amado, que muitas vezes escapam às tentativas de serem totalmente estruturado pela linguagem.

## OS NOVOS SINTOMAS DO/NO CORPO

A exigência de uma imagem perfeita, de um corpo ideal, de procedimentos de harmonização adquiriu uma dimensão inimaginável na contemporaneidade. As *selfies*, as indústrias alimentícias com produtos *fitness*, a moda sem um padrão específico de numeração, a cirurgia estética, as tatuagens são formas de manipulação da imagem corporal e criam um novo valor que o sujeito necessita conferir à sua imagem, uma identidade superegóica através de uma indução imaginária de que seu corpo será imitado ou será diferenciado de um semelhante.

Com tudo isso sendo ofertado de forma fácil, acessível, na margem do visível, surge, porém, o objeto que nem sempre pode ser visto. Por isso, os psicanalistas que se ocupam do discurso do sujeito, ouvem o que eles falam, não o que eles mostram necessariamente. É no discurso que se denunciam esses recentes fatos de nossa época.

A contemporaneidade também contribuiu para os abundantes e variados tipos de transtornos alimentares, os *workaholics*, prática intensa de atividade física, as incessantes intervenções cirúrgicas de modelagem do corpo, a sexualidade compulsiva, horror ao envelhecimento, busca psicopatológica da saúde, ou ao contrário, um esquecimento patológico do corpo, acrescido de uma profusão dos quadros de somatização. Todos estes sintomas mencionados revelam de maneira positiva ou negativa a sujeição absoluta do corpo.

Sujeito e cultura, de certa forma, conservam entre si uma ligação duradoura que faz surgir formações sintomáticas resultantes das mudanças





peculiares à época. As compulsões aumentaram, de uma maneira geral, bem como as depressões, além do esvaziamento do sujeito em relação ao seu desejo, o assombro diante da vida, a falta de expectativas, ou ainda a falta de esperança, descontentamento, o sujeito vê-se afundado num grande vazio. É possível perceber o aumento dos quadros de violência do sujeito ao próprio corpo e contra o outro, além das manifestações de destrutividade. O corpo torna-se testemunha de todas essas situações vividas pelo indivíduo. Ele mantém a memória de tudo que ocorreu.

Lendo um dos capítulos do livro “A História do Corpo”, nos deparamos com um trecho que dizia que “[...] se a palavra-chave do sec. XVIII era a ‘felicidade’, e do sec. XIX a ‘liberdade’, pode-se dizer que a do sec. XX é a ‘saúde’”. Ousamos dizer que, no sec. XXI, seria o ‘gozo’, o excesso de todas essas palavras, acrescida das palavras ‘imagem/perfeição’.

O que temos visto na clínica com bastante frequência é que, com a inviabilidade de conquistar uma imagem ideal, o corpo tem sido atacado, o que impulsiona o fracasso, ou como, visto em tantos outros casos, a conquista dessa imagem por intermédio do sucesso social ou nos negócios gerando o mesmo efeito.

Freud reencontrou no corpo o lugar da realização dos desejos; Lacan enxergou o corpo como um elemento fundamental na constituição do sujeito, mas que é mediado e construído pela linguagem e pelos significantes que circulam na cultura. Explorou as dimensões poéticas e expressivas do corpo e da linguagem, e destacou a importância da palavra e da linguagem para a construção da subjetividade e para experiência humana em geral. Assim, parafraseando uma das letras de Noel Rosa diante de todo esse atravessamento que o nosso corpo é exposto diariamente desde o dia em que



nascemos, resta-nos uma pergunta: Com que corpo que eu vou pro discurso que o Outro me convidou?

## **DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS ÀS PRÁTICAS SOCIAIS, O CORPO ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA: AINDA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os discursos, e sentidos, sobre o corpo parecem ecoar sentidos aparentemente evidentes a respeito de um olhar do mundo sobre um objeto empírico. No entanto, pensado discursivamente, o corpo passa a ser compreendido na relação intrínseca entre a ideologia e a história.

Nas palavras de Orlandi,

[...] o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentido constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. (Orlandi, 2012, p. 92)

Sob essa perspectiva, distante de uma tela em branco, o corpo traz as marcas da historicidade que lhe é constitutiva, regularizando uma memória sobre o sujeito e seu corpo. Enquanto objeto simbólico, o corpo, então, pode ser compreendido como o ponto de intersecção entre ideologia e inconsciente, cujos sentidos estão sempre em tensão. A materialidade corporal pode ser compreendida, assim, como o lugar no (e pelo) qual os sentidos significam. Há nele sempre algo da ordem do irrepetível, sempre passível a uma re-formulação equivocidade, que também falta, falha e faz ressoar “os sintomas sociais e culturais desses equívocos – tanto os da língua quanto os da história” (Leandro- Ferreira, 2013, p. 78).



Como vimos afirmando com Freud (2010), a cultura tem grande papel na domesticação do sujeito em prol de uma suposta felicidade. Por meio de aparatos culturais que vão ao encontro de uma lógica capitalista, história e memória se entrecruzam, revestindo simbolicamente o corpo feminino, concebido então como um bem público, que buscam pré-determinar a sua forma e o seu lugar social.

Entretanto, consideramos que já não é mais possível ignorar que conjuntamente à materialidade corporal está uma série de impressões, sensações e sentidos que regulam a nossa percepção sobre os outros e, sobretudo, sobre si mesmo(a). Isso implica dizer que corpo e mente estão intrinsecamente ligados, proporcionando ao sujeito registros psíquicos, sinais e sintomas que implicam na forma como o sujeito se vê e, sobretudo, se entende ou não. Nesse caso, en-formar-se à forma do Outro não proporciona, necessariamente, um bem-estar ou sentimento de pertencimento de que nos diz Freud (2010), mas tem sido, frequentemente, um caminho para o adoecimento face às coerções sociais.

Pensar o corpo, assim, implica em inscrevê-lo na história, visto que, segundo Fontes (2010, p. 6), “Em realidade o corpo já estava lá onde a história se fazia. O corpo é testemunha de todas as circunstâncias vividas pelo indivíduo. Ele não esquece e mantém a memória do acontecimento”. Nesses termos, o corpo possui uma história e é atravessado por uma memória composta por fragmentos que vão desde experiências vivenciadas às impressões e(m) marcas num registro psíquico, produzindo efeitos que se materializam no próprio corpo.

Isso porque, ainda segundo Fontes (2010, p. 7), “[...] a história do sujeito ficou em seu corpo”. Sendo assim, em um deslocamento de uma



memória naturalizada em nossa sociedade sobre o corpo feminino ideal e objetificado, propomos pensá-lo como um lugar de memória.

Em “Lieux de mémoires”, o historiador francês Pierre Nora (1984) coloca em relação história e memória, colocando, para a sua definição, a regularidade com que os objetos, quer materiais – museus, arquivos, monumentos, logradouros – quer imateriais – os que se constituem na forma simbólica – retomam na história a partir do seu entrecruzamento com uma memória.

Por meio de uma memória discursiva (Pêcheux, 1999 [1983]), retomamos uma idealização do feminino que traz em seu âmago uma objetificação de mulher e do seu corpo. No entanto, a memória discursiva não é um espaço homogêneo e intercambiável, segundo Pêcheux, ela é “[...] um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularizações... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (Pêcheux, 2015, p. 50).

Como vimos discutindo, historicamente a beleza foi, e em certa medida ainda, é significada como marcas de sucesso e felicidade; significante que traz em seu âmago a representação corporal inscrita num rigor métrico, geralmente relacionado à magreza. A feiura, assim, é inscrita em sentidos que evidenciam um fora desta representação. Num caminho oposto a este olhar exterior que define o corpo, segundo Schindler (1977), o esquema corporal é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos, e a sua imagem está intrinsecamente ligada ao modo pelo qual o corpo se representa para cada sujeito. Em outras palavras, a imagem corporal é dinâmica e, portanto, se reconstrói na medida em que o sujeito se reconfigura.



A reconfiguração do sujeito é possível pelo processo de desestruturação/reestruturação/transformação nas redes de memória na medida em que pode ocorrer no movimento contínuo em que sujeitos e sentidos se atualizam (Pêcheux, 2008 [1983]).

Sob esse viés, ao promovermos o deslocamento do corpo-objeto para corpo como lugar de memória, propomos uma atualização das redes de memória sobre a mulher e o seu corpo na atualidade, a fim de abrir possibilidades para pensá-lo a partir da sua complexidade e potencialidades inerentes à sua constituição e, por conseguinte, práticas mais justas e que vislumbrem os diferentes modos de ser mulher na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Análise crítica da teoria marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

BREUER, J.; FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria. In: FREUD, Sigmund. **Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

COURTINE, Jean Jacques *et al.* **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DARÓZ, Elaine Pereira. Mulheres de/em Atenas: um imaginário de mulher na atualidade. **Revista FSA**, Teresina, v. 17, n. 3, mar. 2020. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1977>. Acesso em 21 mai 2023.



DARWIN, Charles. **Descent of man and the sexual selection**. London: John Murray, 1871.

EDLER, Sandra. **Tempos compulsivos: a busca desenfreada pelo prazer**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FONTES, Ivanise de Azevedo. **Psicanálise do sensível: fundamentos e clínica**. São Paulo: Editora Letras & Ideias, 2010.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre histeria**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1895].

FREUD, Sigmund. O ego e o id. In FREUD, Sigmund. **Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1905].

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1929-1930)**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentada de uma histeria e outros textos (1901-1905)**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LACAN, Jacques. (1998a). **Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998<sup>a</sup> [1966].



LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a [1966].

LACAN, Jacques. **Le Séminaire, livre V: Les formations de l'inconscient.** Paris: Seuil, 1998b [1957-58].

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 4: a relação de objeto; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.** Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.** Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20: mais, ainda, (1972-1973); texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.** Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956).** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LEADER, Darian. **Gozo: Sexualidade, sofrimento e satisfação.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva. **Revista Eletrônica de estudos do discurso e do corpo - Redisco,** Vitória da Conquista, v.2 n.1, p. 77-82, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.



PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969].

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2008 [1983].

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999 [1983].

SALOMON, Nanette. The Venus Pudica: uncovering art history's hidden agendas and pernicious pedigrees. In: Pollock, Griselda (ed.). **Generations and Geographies in the Visual Arts: feminist readings**. London: Routledge, 2005.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**. Buenos Aires: Paidós, 1977.

Data de recebimento: 22/12/2023

Data de aprovação: 28/03/2024